

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Práticas Musicais na Educação Básica

Andre da Silva Cabral Correia

**A Educação Musical durante a pandemia da Covid-19 no
Brasil: uma revisão de literatura**

Rio de Janeiro
2021



Andre da Silva Cabral Correia

A Educação Musical durante a pandemia da Covid-19 no Brasil:

uma revisão de literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Musicais na Educação Básica/ EaD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Práticas Musicais na Educação Básica.

Orientadora: Professora M.^a Juliana Maria Chrispim Campelo Lima

Rio de Janeiro
2021

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C824 Correia, Andre da Silva Cabral

A Educação Musical durante a pandemia da Covid-19 no Brasil: uma revisão de literatura / Andre da Silva Cabral Correia. - Rio de Janeiro, 2021.

54 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas Musicais na Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Juliana Maria Chispim Campelo Lima.

1. Educação Musical – Estudo e ensino. 2. Música e tecnologia. 3. COVID-19 (doença). 4. Pandemias. I. Lima, Juliana Maria Chispim Campelo. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 780.7

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Andre da Silva Cabral Correia

A Educação Musical durante a pandemia da Covid-19 no Brasil:
uma revisão de literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Musicais na Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Práticas Musicais na Educação Básica.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora:

Ma. Juliana Maria Chrispim Campelo Lima
EPMEB/CPII

Dra. Mônica Repsold
EPMEB/ CPII

Dr. Matheus Henrique da Fônsaca Barros
IFSertãoPE

Rio de Janeiro
2021

Dedico este trabalho à minha vó (*in memoriam*)
e meus pais que sempre me apoiaram na busca
de novos conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo apoio e incentivo durante a realização deste curso de especialização e trabalho de conclusão.

A minha vó, por compreender a necessidade de compartilhar a atenção nos tão queridos encontros de família com as leituras necessárias.

A todos os meus professores do curso de especialização, que me ajudaram a aprofundar meus conhecimentos e aprimorar minha prática.

A minha orientadora Juliana Chrispim, por toda sensibilidade e competência no processo de orientação. Pelo apoio emocional necessário em momentos críticos não apenas na trajetória deste curso, mas na profissional também.

Ao querido amigo de especialização Luis Gabriel, que ajudou a ter força e leveza para seguir a trajetória, e proporcionou muitos momentos memoráveis de trocas de experiências.

A minha querida amiga Cristiane Migon, pelo suporte e disponibilidade oferecidos, não imagina o quanto me motivou.

A todos meus alunos, que me fornecem energia e motivação para alçar voos cada vez mais altos na tentativa de oferecer o melhor possível para eles.

O mundo não vai mudar magicamente depois de 2020. Mas será outro. E certamente, para quem quiser ver, as coisas estarão visíveis.

(Maria Homem)

RESUMO

CORREIA, Andre da Silva Cabral. **A Educação Musical durante a pandemia da Covid-19 no Brasil:** uma revisão de literatura. 2021. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas Musicais na Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2021.

A presente pesquisa apresenta uma revisão de literatura sobre o tema do ensino de música no Brasil durante a pandemia da Covid-19. Inicialmente, é realizada contextualização e descrição desta nova situação pedagógica ocorrida em 2020 e 2021. Através da análise de 23 publicações, buscou-se avaliar e compreender como os autores abordaram esta temática, destacando as principais características dos trabalhos analisados, para auxiliar na busca de novas metodologias para o ensino de música através das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, após o término da pandemia. Aspectos como desigualdade social, conhecimentos tecnológicos e adaptações de atividades musicopedagógicas estão presentes no conteúdo analisado e podem auxiliar a busca de novas trajetórias pedagógico-musicais em um futuro próximo.

Palavras-chave: Educação musical; pandemia; covid-19.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Listagem de Artigos Analisados	27
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1-	Autores por artigo.....	30
------------	-------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEM	Associação Brasileira de Educação Musical
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
Covid-19	Coronavirus Disease 2019
EaD	Educação a Distância
ERE	Ensino Remoto Emergencial
FLADEM	Fórum Latinoamericano de Música
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEB	Música na Educação Básica
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
REA	Recursos Educacionais Abertos
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
TIC	Tecnologia da Informação e da Comunicação
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Das tecnologias da infância à escolha do tema	14
1.2	Questão da pesquisa e objetivos.....	17
1.3	Justificativa.....	18
1.4	Organização do trabalho	18
2	METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1	Metodologia	19
2.2	Referencial Teórico	20
2.2.1	Pandemia e Educação no Brasil: marcos legais.....	20
2.2.2	Tecnologia	21
2.2.3	Modalidades de educação não-presencial e semi-presencial	23
3	ANÁLISE DOS TEXTOS	27
3.1	Tecnologias digitais e adequações necessárias	31
3.2	Demanda e carga horária de trabalho docente	34
3.3	Novas habilidades para os docentes	35
3.4	Desigualdade social e exclusão digital.....	388
3.5	Utilização de materiais recicláveis.....	41
3.6	Visão geral da Análise	42
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
5	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A música possibilita que indivíduos e seus grupos sociais manifestem ideias, valores, concepções, sentimentos e impressões emotivas por meio de discursos sonoros distintos da linguagem escrita e verbal que protagonizam as comunicações humanas na sociedade atual. Desde tempos remotos, entretanto, sabe-se que ela esteve presente na rotina da espécie humana. Inicialmente presente em momentos como ritos e atividades correlatas a práticas de conexão com o sagrado, por exemplo, nos tempos atuais é compreendida, sob o olhar da ciência, como elemento de criação, manutenção e transformação de identidades sociais e culturais.

Dessa maneira, o fazer musical configura-se uma forma de conhecimento compartilhado em diversas estruturas sociais, como igrejas, escolas, núcleos familiares etc. Esse compartilhamento envolve processos de transmissão e recepção, de ensino e aprendizagem, configurados de modos plurais, vinculados às identidades de cada grupo que os pratica.

A escola é uma instituição onde a transmissão de saberes comumente ocorre de forma sistematizada. Há muito tempo se pensa sobre o ensino de música no contexto escolar. Diferentes abordagens são utilizadas, como a aquisição de habilidades técnicas cujo enfoque objetiva a complexidade da expressão musical, o estímulo à livre expressão e criação, entre outras. Em uma sala de aula de escolas da Educação Básica no Rio de Janeiro, segundo a troca de experiências entre colegas docentes, é possível perceber a realização de atividades que valorizam a prática vocal ou instrumental, a composição, a percepção da paisagem sonora que nos cerca, a construção de instrumentos, as brincadeiras cantadas, os sons produzidos com o próprio corpo e diferentes repertórios sendo estudados e executados. Dentre tantas possibilidades de práticas educacionais em música nas escolas, pode-se ressaltar que algo comumente observado é a presença física de, no mínimo, duas pessoas dentro de um mesmo espaço: um professor e um aluno. Tratando-se do cenário escolar, de fato, temos como configuração mais recorrente a presença de um grupo de estudantes.

Em março de 2020, o mundo foi surpreendido com a pandemia da Covid-19. Deste modo, para que fosse possível controlar a disseminação do vírus, orientações legais e medidas sanitárias foram criadas, tendo como consequência, no Campo da Educação, a impossibilidade de realização de aulas no modelo presencial. Fez-se necessária a busca de

um caminho emergencial para prosseguir com o processo de ensino aprendizagem que, pela imposição do isolamento social, necessariamente teria que ocorrer de maneira remota, em grande parte com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Assim, propostas pedagógicas começaram a ser experimentadas, com modelos e sistemas variados, buscando novos formatos de organização e realização de ações educacionais.

Muitas soluções encontradas foram mediadas pelo mundo virtual. Desta forma, é possível afirmar que alguns obstáculos para o estabelecimento dessas propostas foram: a falta de recursos digitais, a capacitação dos profissionais de educação, os desafios econômicos, a angústia pela demanda de aprendizado (em tempo recorde) de novas habilidades conectadas aos usos das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), novas relações com as ferramentas tecnológicas, novas rotinas de trabalho etc. O período inicial foi marcado por muitas dúvidas e experimentos, tanto por parte dos professores quanto dos estudantes, ambos em momentos de aprendizados e adaptações. Com o passar dos meses, algumas propostas foram se delineando e sendo adotadas pelas instituições de ensino, como, por exemplo, o Ensino Remoto Emergencial (ERE), com novas práticas inauguradas, reajustadas e instituídas nesse período, de acordo com as realidades e particularidades de cada sujeito do processo educativo, instituição, rede de ensino, região administrativa, políticas públicas, iniciativas privadas etc.

Considerando o período da pandemia da Covid-19 um marco na área da Educação de forma geral, o presente trabalho apresentará um recorte sobre o tema, configurando-se uma revisão bibliográfica, investigando o que foi refletido e publicado a respeito, no Campo da Educação Musical.

1.1 Das tecnologias da infância à escolha do tema

Durante minha infância, durante a década de 1990, tive acesso a poucos equipamentos tecnológicos. Embora adorasse jogar videogame, não tinha esse contato em casa. As brincadeiras eram sempre com os amigos da rua, pique-pega, esconde-esconde, queimado entre outras. Ganhei meu primeiro computador no início da adolescência. O sistema operacional ainda era o *Windows 95* e o monitor mais parecia um televisor. A conexão com a internet era através da linha discada. Os arquivos poderiam ficar salvos em um disquete. A comunicação com familiares e amigos ocorria através de telefone fixo ou mensagens em *paggers*, até a aquisição do primeiro celular.

Uma das memórias afetivas mais marcantes da época que estudava no ensino fundamental, cursado de 1992 a 2000, era o cheiro das folhas que saíam do mimeógrafo e iam para a mesa dos alunos. No segundo segmento, os trabalhos já chegavam para nós através de fotocópias ou, como chamávamos, xérox. As projeções realizadas pelos professores eram normalmente através de retroprojetores, que exibiam, em paredes ou telas brancas, a imagem do suporte pedagógico criado em uma transparência. Os trabalhos entregues, chamados de pesquisa, eram realizados em folhas de papel almaço com uma produção totalmente artesanal, desde sua capa até seu conteúdo completo. Todas as experiências narradas ocorreram na rede pública, onde vivenciei o ensino fundamental em escolas municipais.

Já no ensino médio, cursado na Fundação Bradesco, instituição filantrópica, houve uma alteração significativa na utilização de recursos tecnológicos no processo de aprendizagem. A visita ao laboratório de informática era constante para a realização de tarefas ou a apresentação de algum conteúdo. Todas as folhas utilizadas eram fotocópias e as projeções agora eram realizadas por um projetor, que estava conectado ao computador. Os trabalhos entregues aos professores eram todos digitados, impressos, e ficavam armazenados em CDs. A utilização da internet estava em nossa rotina. Após concluir esta etapa de ensino, realizei o curso técnico em informática e a imersão tecnológica foi completa.

Ainda em minhas experiências como aluno, nova mudança ocorreu em relação à presença e ao uso das tecnologias digitais: a imersão tecnológica vivenciada anteriormente, mais uma vez se fez distante do meu cotidiano estudantil. Durante minha formação superior, no curso de Licenciatura em Música realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no período de 2005 a 2010 fazia parte da rotina sair de uma aula junto com meus colegas e ir até a famosa “pasta na xérox”. Lá, estava disponível o artigo ou algum documento que seria a referência para a próxima aula. Todas as leituras e as anotações das aulas eram em um suporte físico, no papel. Não houve nenhuma disciplina voltada para o uso da tecnologia intermediando a prática pedagógica, nem foram abordados alguns dos conceitos, *softwares* ou dispositivos para esse fim. Recursos tecnológicos só foram utilizados na realização dos trabalhos, todos digitados e era comum a utilização de celulares para fins pessoais nos intervalos. Os professores não utilizavam esses aparatos digitais para complementar as aulas.

Enquanto docente, os recursos tecnológicos estiveram presentes em alguns contextos que trabalhei. Fui professor da rede privada por dez anos e atualmente sou da rede municipal, sempre em regime presencial na educação básica. Na rede privada, era comum a projeção de elementos audiovisuais nas aulas para ilustrar o conteúdo explorado, com acesso à internet

pela rede a cabo do colégio. Além disso, consegui elaborar projetos que pudessem contar com a atuação dos alunos em casa através de seus computadores e/ou outros dispositivos. Na rede municipal, minha experiência é diferente, visto que apenas utilizo o celular, com a minha rede de dados pessoal, conectada pela tecnologia *bluetooth* em caixas de áudio. Não utilizo outras ferramentas pois ou não há disponibilidade na escola, ou o que tem disponível encontra-se desatualizado demais e muitas vezes com algum defeito. Embora os recursos tecnológicos não estivessem presentes na minha formação universitária como educador musical, sempre tive o desejo pessoal de conseguir utilizá-los na minha prática. Para isso, não busquei formação institucional específica, mas obtive informações e aprendizados através de conteúdos disponibilizados por outros profissionais na internet.

Dando continuidade à minha jornada acadêmica, no curso de especialização Práticas Musicais na Educação Básica, realizado de forma semipresencial no Colégio Pedro II, vivenciei algumas mudanças: o conteúdo e outras ferramentas estavam disponibilizadas em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que se tornaria um grande companheiro: *Moodle*. Percebi como a minha forma de aprender havia modificado.

Sendo minha primeira experiência nessa modalidade de ensino, considero muito positiva e pude perceber algumas características, como a importância da disciplina na realização das tarefas e acesso aos conteúdos, e a necessidade de ter um AVA bem estruturado para que todas as funcionalidades estejam em perfeito andamento. Contudo, achei fundamental o caráter semipresencial. Imagino que se fosse totalmente online ficariam algumas lacunas que só o encontro presencial pode preencher. Além disso, foi neste curso que tive contato com literatura sobre a utilização de recursos tecnológicos e o processo educacional, na disciplina “Tecnologias Digitais para a Prática Musical”. Aliando esses saberes aos conhecimentos dos fundamentos que embasam os processos de ensino e aprendizagem musical apresentados na disciplina “Música nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, pude experimentar um momento importante para repensar minha prática pedagógica e meus interesses de pesquisa na área. Porém, no meio da trajetória do curso, fomos surpreendidos com a pandemia e todas as mudanças trazidas por ela em nossos cotidianos como estudantes e professores.

Não apenas no meu curso e nas escolas onde atuo como docente, mas também em outros cenários e espaços educacionais, práticas de ensino e aprendizagem passaram a acontecer apenas de forma remota. Sem um tempo de preparo para este momento, as instituições educacionais começaram a atuar com propostas de ações pedagógicas remotas variadas, plurais. Dentre as propostas, um termo recorrente durante o período foi Ensino

Remoto Emergencial (ERE), que abrange algumas abordagens ocorridas. Não há uma normativa oficial para este conceito, no entanto, devido às suas características e à discussão apresentada no capítulo 2 deste trabalho, e ter referência sobre esse termo em quinze textos objetos de estudo desta pesquisa, considero o ERE um conceito pertinente para análise e contextualização no presente trabalho. No momento da escrita desta pesquisa, o cenário mostra-se plural em muitas regiões do Brasil, visto que há municípios onde a volta presencial das atividades já foi iniciada, gradativamente, por vezes em sistema de rodízio onde parte dos estudantes de uma turma frequentam presencialmente e outra parte segue acompanhando de forma remota. Simultaneamente, autoridades governamentais e grupos da sociedade debatem, defendendo ou criticando o retorno presencial, enquanto observamos o avanço da vacinação bem como os muitos desafios que ainda persistem na saúde pública e na gestão urbana, em relação à pandemia.

1.2 Questão da pesquisa e objetivos

Com todas as restrições sanitárias necessárias e suas devidas adaptações, considerando o impacto dessas ações de ensino remoto no futuro da Educação, tendo como foco a Educação Musical, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as concepções/tendências teórico-metodológicas da produção acadêmica brasileira a respeito de práticas educativo-musicais no contexto da pandemia da Covid-19.

A pesquisa possui os seguintes objetivos específicos:

- Realizar levantamento e listagem de artigos publicados no Brasil entre março de 2020 e junho de 2021, a respeito de práticas educativo-musicais no contexto da pandemia da Covid-19;
- Identificar eixos (tendências) temáticos(as)/teórico metodológicos na produção listada;
- Discutir as concepções e desafios teórico-metodológicos, com base nos eixos apresentados;
- Contribuir para o desenvolvimento dessa área através da compreensão crítica deste momento.

Interpretar como os autores dos artigos levantados abordaram essa temática pode apontar caminhos interessantes para a construção do que o senso comum atualmente tem denominado como “novo normal” e contribuir para o desenvolvimento dessa área através da compreensão crítica deste momento.

1.3 Justificativa

É de fácil observação a mudança de paradigmas que está acontecendo neste momento. Nas redes pública e particular tornou-se comum o relato de profissionais da educação manifestando descobertas iniciais relativas às novas formas de trabalho. Pode-se ponderar que o momento é de predominância de experiências empíricas, tendo muitos acertos e erros no processo. A troca de informações é constante nos mais variados meios: redes sociais, aplicativos de mensagens, congressos, fóruns virtuais etc.

Dentre os profissionais da educação, bem como em muitos grupos sociais, tornou-se constante a afirmação de que nada será como antes. Talvez seja radical demais essa afirmação, mas as evidências apontam que mudanças estruturais na forma de educar estão sendo vivenciadas de forma enfática no momento atual. Será que quando as restrições não forem mais necessárias, voltará a ser tudo como antes? Ou uma nova realidade irá surgir? Ou as mudanças realizadas irão dialogar com as práticas que serão retomadas? Uma coisa é certa: foi- e vem sendo, posto que não terminou – certamente, um período marcante na história da educação brasileira, bem como nas memórias dos profissionais da educação e dos estudantes. Portanto, o olhar investigativo acadêmico é válido, tanto como registro historiográfico de aspectos pertinentes ao período, como de análise do que foi produzido, refletido e vivenciado, desta forma, podendo auxiliar a compreensão dos procedimentos pedagógicos utilizados no contexto da pandemia da Covid-19, gerando novos conhecimentos que poderão auxiliar práticas de ensino e aprendizagem em Educação Musical no período pós pandêmico.

1.4 Organização do trabalho

Este trabalho está organizado da seguinte forma: a introdução aborda o momento atual da Educação Musical ilustrado com a experiência do autor e suas relações com as tecnologias no seu processo de formação. O capítulo 2 apresenta os pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa, trazendo autores que definiram conceitos relativos a Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), ERE e Educação a Distância. O capítulo 3, traz a análise dos 23 textos selecionados para a presente revisão de literatura. No capítulo 4, as considerações finais apresentam reflexões sobre os resultados obtidos neste trabalho.

2 METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Metodologia

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa e trata-se de uma revisão de literatura que visa localizar artigos publicados a respeito da Educação Musical, ocorrida no período da pandemia da Covid-19 no Brasil. Devido à pesquisa ter como processos e objeto de estudo um período contemporâneo da história, o recorte temporal de publicação dos textos foi definido de março de 2020 (início da pandemia e fechamento das escolas para as atividades presenciais) até julho de 2021.

Como afirma Laville e Dione (1999, p.112) “fazer a revisão da literatura em torno de uma questão é, para o pesquisador, revisar todos os trabalhos disponíveis, objetivando selecionar tudo o que possa servir em sua pesquisa”. Portanto, este trabalho é caracterizado como um estado da arte. Para melhor compreensão do que isso representa, Fernandes (2021, p.162) conceitua essa abordagem como “uma pesquisa bibliográfica, uma investigação documental, que tem como objetivo analisar o conhecimento acumulado por meio de inventário e sistematização da produção de uma área do saber ou campo de conhecimento”. Neste caso, os objetos que serão investigados são artigos científicos publicados no período informado acima. Destaca-se que, como o tema é muito atual, os textos com esse perfil serão a fonte com maior quantidade de conteúdos para serem contemplados neste momento. Em um futuro breve, será possível analisar outros tipos de publicações, tais como teses e dissertações, que já possam estar em processo de elaboração.

A partir dessas bases, os documentos foram selecionados através de busca na internet, tendo como principal ferramenta o Google Acadêmico. Nesse campo de pesquisa, as buscas ocorreram em sites das principais instituições de publicações acadêmicas, tais como Comunicações, Simpósios e Anais dos Congressos Regionais da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), Revista da ABEM, Revista da Fundarte e Revista Música na Educação Básica (MEB). Os descritores utilizados na busca estão relacionados com as palavras-chave: ensino de música e pandemia Covid-19; pandemia Covid-19 e Ensino Remoto; e Ensino Remoto Emergencial e música.

Inicialmente, a pesquisa foi caracterizada pela localização, seleção e leitura desses artigos. Em um segundo momento, foram realizadas anotações sobre os aspectos do ensino de música abordados pelos autores durante o período pandêmico, para o trabalho mais aprofundado de análise crítica e investigativa, interpretação e síntese dos temas tratados

nessas publicações. De acordo com Penna (2015, p.74) o levantamento bibliográfico faz parte da primeira etapa deste tipo de trabalho. Esse processo foi importante para que se pudesse estabelecer os critérios e criar as categorias de análise de todo o material encontrado.

Posteriormente, esse processo resultou em análise que será apresentada no terceiro capítulo dessa pesquisa, com objetivo de investigar os aspectos do ERE explorados e possibilitar a compreensão, em uma visão geral, dos procedimentos pedagógicos utilizados neste período. Conforme Penna (2015, p.77) afirma sobre o processo de realização de uma revisão, “uma mera reprodução e justaposição de trechos retirados daqui e acolá não cumprem sua função”. Desse modo, o presente texto foi construído processualmente, baseado em uma análise crítica de todo conteúdo selecionado.

Pode-se ponderar que “não é possível o desenvolvimento de estados da arte que abarquem toda área do saber do investigador ou tudo que seja possível estudar no seu campo” (FERNANDES, 2021, p. 168). Nessa base, é importante destacar que através dos recortes evidenciados nesse percurso, será possível ter um panorama teórico da *práxis* pedagógica a partir desta investigação documental que pretende fomentar possibilidades de continuidade ao trabalho remoto, ainda que de forma híbrida (presencial e remoto), na Educação Musical, bem como suscitar reflexões para a formação continuada, a capacitação e a aquisição de novas habilidades que possam incluir metodologias e desenvolvimento de ações educativas em música, inseridas nas vivências sociais cada vez mais permeadas pelos usos variados de tecnologias digitais e pela cultura participativa e cibercultura.

2.2 Referencial Teórico

2.2.1 Pandemia e Educação no Brasil: marcos legais

Com o objetivo de contextualizar o cenário em que se passa o Ensino de Música tratado neste trabalho, será realizado um brevíssimo histórico do surgimento do coronavírus.

A Covid-19 teve início na China, em dezembro de 2019. Com sua alta taxa de transmissão, após o primeiro contato, a doença foi sendo notificada em todas as partes do planeta. Isso gerou grande preocupação em todo o mundo e uma série de medidas foram tomadas para tentar evitar um colapso nos sistemas de saúde.

Conforme afirma Arruda (2020, p. 258) essa pode ser considerada “uma das maiores pandemias da História”. Em função disso, foi implantada uma das maiores políticas de

isolamento social já vista, o que afetou a rotina da população. Dentro do contexto escolar não foi diferente. Barros (2020, p.294) descreve a necessidade de busca dos sistemas educacionais por meios alternativos para a continuação dos trabalhos pedagógicos. Para orientar essas ações, foram publicados documentos pelas instâncias regulamentadoras de ensino.

Em março de 2020, o Ministério da Educação (MEC) publicou a portaria nº 343 que autorizou, em caráter excepcional a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais durante a situação de pandemia da Covid-19. Posteriormente, em junho, foi publicada a portaria nº 544 que autorizou de forma integral essa substituição.

Em abril de 2020 foi publicada a Medida Provisória nº 934 (BRASIL, 2020) que estabeleceu medidas excepcionais para o ano letivo na educação básica e ensino superior em função das medidas preventivas devido ao risco epidemiológico decorrente da pandemia da Covid-19. Desta forma, foi dispensada a obrigatoriedade da carga horária mínima anual nas escolas.

Posteriormente, em agosto de 2020, foi publicada a lei nº 14.040 (BRASIL, 2020) que estabeleceu normas educacionais excepcionais para o período pandêmico. Foi neste momento que, oficialmente, o uso de TDICs foi reconhecido como uma possibilidade de trajetória nesse caráter emergencial do ensino remoto.

2.2.2 Tecnologia

Tecnologia é um termo muito utilizado no senso comum e sua definição nem sempre é clara. Karasinski (2013, p.1) conceitua como o “uso de técnicas e conhecimento adquirido para aperfeiçoar e (ou) facilitar o trabalho com a arte, a resolução de um problema ou a execução de uma tarefa específica”. Embora no senso comum seja recorrente sua utilização referindo-se a computadores e similares, com a clareza de seu significado, constata-se maior aplicabilidade desse conceito. Na educação, no campo da Educação Musical, a discussão sobre o uso de tecnologias no ensino de música é ampla e vem sendo realizada por autores como: Repsold (2018), Paiva (2017), Santos e Mendes (2017), Cernev e Malagutti (2016), Melo, Lopardo e Melo (2016), Miletto et al. (2014), Fernandes e Coutinho (2014), Souza (2013), Veber e Rosa (2012), Carvalho (2010), Krüger (2006), Naveda (2006) e Souza (2006).

Por volta da década de 1980, no cenário mundial, conforme afirma Polate (2018), a sociedade, em uma vivência consumista, teve a tecnologia digital invadindo todos os setores, inclusive as escolas. A rotina das pessoas começou a ser realizada com o auxílio dos equipamentos tecnológicos, cada vez mais presentes e necessários. Essa mudança de paradigmas fez com que a escola precisasse praticar a inclusão digital possibilitando aos alunos sem acesso às ferramentas digitais, estarem inseridos nessa nova configuração social, desenvolvendo seus conhecimentos através de novos sentidos produzidos pelo mundo virtual, segundo a análise de Polate (2018). Ainda segundo a autora, “desconsiderar os usos das tecnologias na produção de conhecimento em sala de aula é negar a possibilidade de que os alunos explorem outras linguagens que vêm cada vez mais fazendo parte da experiência humana” (POLATE, 2018, p.125). Esta citação ilustra a importância da inclusão digital no contexto escolar.

Além disso, é importante observar também que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento oficial que orienta o ensino no Brasil em toda a Educação Básica, contempla a utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no âmbito escolar (BRASIL, 2018). Com isso, a alfabetização e o letramento digital, de forma institucional, começam a ser pensados dentro das escolas. A competência geral da Educação Básica número cinco, trata exatamente desta temática:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 9).

Atualmente, estima-se ter “25 bilhões de *gadgets*¹ e aparelhos de todos os tipos, formas e naturezas plugados na *web*” e, segundo Marini (2019), não apenas a inclusão é um processo a ser pensado, mas também o desenvolvimento do pensamento e raciocínio digital. A alfabetização digital, segundo o autor, deve não apenas se ocupar com as necessidades atuais do aluno, além disso, deve contemplar a resolução de problemas tanto acadêmicos quanto profissionais no futuro. Portanto, não se fala em apenas aprender a utilizar um programa de computador já pronto, mas também entender a lógica computacional, o que auxiliará a busca de novas soluções.

¹ Dispositivos eletrônicos portáteis de modo geral, exemplo: *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, HDs externos dentre outros.

Um termo muito usado durante a pandemia da Covid-19 é TDICs. Segundo a definição de Assolini (2017), trata-se “como um conjunto de equipamentos e aplicações tecnológicas que geralmente utilizam a internet e diferenciam-se das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pela presença do digital”. O emprego das TDICs no contexto escolar vem sendo amplamente discutido. Repsold (2018) realizou uma revisão bibliográfica sobre o assunto dentro da área de Educação Musical. A autora constatou que a literatura, analisada na pesquisa, relaciona a “aplicação da tecnologia nas aulas de música como auxílio ao professor de música, formação de professores, educação a distância, tecnologias nos cursos de licenciatura, entre outras” (REPSOLD, 2018, p. 216). Mais recentemente, Barros (2020, p. 294) afirma que o processo pedagógico, neste período de pandemia, tem ocorrido através da mediação por essas tecnologias. Com a mudança repentina de formato de ensino, que será tratado adiante na pesquisa, e a ausência de relatos da utilização das TDICs nas aulas de música, não é possível assegurar que as instituições estavam preparadas para essa transição, esta dificuldade é relatada nos artigos analisados na presente pesquisa.

2.2.3 Modalidades de educação não-presencial e semi-presencial

Com a impossibilidade de contato social, educadores e instituições se viram obrigados a buscar uma rota alternativa para que seus trabalhos não fossem totalmente paralisados, uma vez que não havia previsão para o fim das restrições impostas. A educação realizada de forma remota foi a principal ferramenta utilizada para este fim, e os trabalhos educativo-musicais realizados durante a pandemia, como serão analisados futuramente na presente pesquisa, trouxeram essa constatação atrelada a diversos conceitos: Educação a Distância (EaD), Ensino Remoto Emergencial (ERE), On-line. A regulamentação dessa prática, na Educação Básica, é de responsabilidade dos estados “que tem apresentado iniciativas que se direcionam à substituição da educação presencial pelas aulas remotas ou adoção da modalidade a distância (...)” (ARRUDA, 2020, p. 261-262).

Em relação aos conceitos de educação remota, de acordo com Behar (2020), ERE não é o mesmo que EaD. A autora os diferencia, explicando que a utilização do termo “Remoto” é justificada pelo distanciamento geográfico entre professores e alunos, e “Emergencial”, pelo caráter do replanejamento das atividades do ano letivo que foi suspenso. Já Hodges *et al.* (2020) e Arruda (2020) atribuem a utilização da palavra “Emergencial” por serem

medidas temporárias, entendendo que ao final deste período voltará ao modelo presencial. Não há uma normativa oficial para o uso dessa terminologia. Tendo essas duas modalidades de práticas pedagógicas relacionadas, é necessário diferenciar esses dois conceitos, uma vez que, embora tenham algumas características em comum, não representam a mesma prática.

A EaD não é uma novidade. Spanhol (2010, p.3) nos conta que esta modalidade, no Brasil, começa a ser praticada a partir do início do século XX, tendo como referência uma universidade alemã e outra britânica. Há vasta literatura sobre o assunto, no entanto, neste trabalho será realizada uma breve contextualização para auxiliar na compreensão do objetivo a ser alcançado.

Inicialmente, a EaD ocorreu por correspondência, como relata Paiva (2020, p.60) em seu trabalho. Com o desenvolver das tecnologias, outros recursos foram sendo agregados como o áudio e o vídeo. Nestes estágios, a comunicação entre educador e educando não era muito acessível. Na atualidade, esta modalidade vem ocorrendo de forma virtual com vasta utilização dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Paiva afirma que com o surgimento da internet e a inclusão das tecnologias digitais houve um crescimento da EaD, com isso novos termos surgiram, como “educação on-line”, enfatizando o uso desta nova ferramenta (PAIVA, 2020, p. 62). Tendo isso em vista, pode-se afirmar, de forma genérica, que a EaD se trata de “um tipo de ensino, com material pré-produzido, feito sem contato próximo entre professor e aluno” (PAIVA, 2020, p. 60).

Para que o aluno possa aprender em uma modalidade de ensino que utiliza a tecnologia como meio para o processo pedagógico, é necessário saber além do simples manusear ou digitar no computador. Segundo a BNCC, “é necessário promover a alfabetização e o letramento digital, tornando acessíveis as tecnologias e as informações que circulam nos meios digitais e oportunizando a inclusão digital” (BRASIL, 2018). Segundo Coscarelli; Ribeiro (2007, p. 10 *apud* SANTOS, 2019, p.3) o letramento digital “é o nome que damos então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. Santos (2019, p. 3) afirma que a leitura e escrita digital possibilitam a efetivação das práticas sociais através do meio virtual. Dessa forma é evidenciada a complexidade dessa habilidade e a necessidade do seu aprimoramento no processo pedagógico.

O ERE é um conceito para entendimento das práticas pedagógicas surgidas em períodos de crises e catástrofes. (HODGES,2021) Contemplam todas as estratégias que possibilitem a transmissão do conhecimento sem o encontro presencial. Sobre o ERE, Daros (2020, p. 1) descreve como

(...) a realização de uma atividade pedagógica de forma temporária e utilizada pontualmente, com o uso da internet, com a finalidade de minimizar os impactos na aprendizagem dos estudantes advindos de sistema de ensino originalmente presencial aplicadas neste momento de crise (DAROS, 2020, p.1).

Barros (2020, p.294) destaca que “o objetivo principal não é a recriação de um ecossistema educacional robusto, mas fornecer acesso temporário, de configuração rápida e com conteúdo confiável em períodos extraordinários”. Através dessas duas conceituações pode-se afirmar que o fator “temporalidade” desta modalidade de ensino é uma característica muito importante para sua compreensão.

No Brasil, conforme apresentado no item 2.2.1, o meio digital foi apontado como alternativa segundo os documentos oficiais. Um dos principais aspectos a serem observados é o acesso ao ambiente virtual. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 79,1% de domicílios brasileiros utilizam a internet (IBGE, 2018). Além disso, o equipamento mais utilizado para realizar o acesso é o celular, totalizando 99,2% do quantitativo anterior. Esta é uma informação muito relevante para melhor compreensão das características do cenário em que acontecem as práticas de ensino e aprendizagem em música durante a pandemia da Covid-19.

Aprofundando a análise desses dados, Tokarnia (2020), através da análise da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação divulgada pelo IBGE, revela que 41,6% das pessoas que não acessam a internet, portanto quase metade do total, não utilizam pois não sabem usar. Já 34,6% apontam falta de interesse em navegar na *web*, 11,8% avaliam o valor pago pelo serviço alto e 5,7% não tem condições financeiras de comprar o dispositivo para ser utilizado. Também, 4,5% da população brasileira não acessa a internet pois não é disponibilizado no local, ou seja, “mesmo que queiram, não conseguem contratar um pacote de internet” (TOKARNIA, 2020). Essas informações apontam como grandes barreiras para a implementação do ERE as condições socioeconômicas, a falta de acesso e o analfabetismo digital.

Outro ponto importante é como acontecem as práticas pedagógicas. Há duas possibilidades: atividades síncronas e assíncronas. Na primeira, a interação ocorre em tempo real, porém de forma virtual. Arruda (2020, p. 266) destaca que dessa forma há a possibilidade de participação simultânea entre professores e alunos, similar a um encontro presencial, proporcionando maior colaboração e participação entre eles. Uma possibilidade

para as atividades síncronas são os formatos de *lives*², com transmissão em horários específicos. Já no segundo tipo, atividades assíncronas, pode ser disponibilizado, por exemplo, um material gravado, em formato de áudio ou audiovisual, que pode ser acessado ou transmitido em outros momentos. Além disso, podem ser usadas outras ferramentas assíncronas, como fóruns para auxiliar na discussão e complementar o processo de ensino-aprendizagem.

² Refere-se a mídia transmitida em tempo real.

3 ANÁLISE DOS TEXTOS

Nesse capítulo serão apresentadas as análises dos 23 artigos pesquisados tendo como referência o ensino de música de forma remota, durante a pandemia da Covid-19. Embora o foco principal deste trabalho seja a educação básica, foram encontrados trabalhos sobre o ensino universitário com questões importantes para a compreensão de como o ensino remoto de música ocorreu no período de março de 2020 até julho de 2021.

A seguir, estão listados os 23 textos localizados na etapa inicial da revisão de literatura, apresentando seus títulos, autores, data de publicação e locais onde foram publicados. Os textos estão organizados de acordo com a data da publicação, finalizando com os mais recentes.

Quadro 1 - Listagem de Artigos Analisados

Título	Autor(es)	Data de Publicação	Local de Publicação
1. Ensino de violão e pandemia: relato de experiência de uma ação de extensão	WESTERMANN, Bruno; PORTUGAL, Diogo; RODRIGUES, Paulo.	20 jul. 2020	Anais do XV Encontro Regional Nordeste da ABEM
2. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino remoto emergencial de música	BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca.	30 jul. 2020	Revista ouvirOUver
3. Ambientes virtuais de aprendizagem e educação musical: possibilidades para o desenvolvimento de competências e habilidades da base nacional comum curricular	SANTOS, Cassiano Lima da Silveira.	1 ago. 2020	Congresso Internacional de Educação e Tecnologias
4. Possibilidades de ensino remoto de música na educação básica pautadas no material Música Br.	MATOS, Ronaldo Aparecido de.	20 out. 2020	Revista MEB
5. Confecção de máscara de garrafa Pet para flauta transversal: uma proposta para o retorno às atividades musicais presenciais após a pandemia da Covid-19	STERVINO, Adeline.	1 nov. 2020	Anais do XV Encontro Regional Nordeste da ABEM
6. Experiências musicopedagógicas em tempos de pandemia	NUNES, Helena de Souza.	1 nov. 2020	Anais do XV Encontro Regional Nordeste da ABEM

7. Musicalização on-line para a primeira infância em tempos de pandemia: reflexões sobre práticas em construção.	SOUZA, Isaac; BROOK, Angelita; LOPES, Helena.	1 nov. 2020	Anais do XV Encontro Regional Nordeste da ABEM
8. Experiências musicopedagógicas em tempos de pandemia: ensino superior	LEITE, Jaqueline ; CUNHA, Obadias.	1 nov. 2020	Anais do XV Encontro Regional Nordeste da ABEM
9. E agora? É a hora?!	SILVA, Kátia; SILVA, Renato; ATOLINI, Rafael.	1 nov. 2020	Anais do XV Encontro Regional Nordeste da ABEM
10. Possibilidades musicopedagógicas para o ensino instrumental e vocal online: a experiência no Programa NEOJIBA	GIRARDI, Michele e SANTOS, Cláudia.	1 nov. 2020	Anais do XV Encontro Regional Nordeste da ABEM
11. Educação musical em tempos de pandemia: desafios e possibilidades	CANTÃO, Felipe Novaes.	20 nov. 2020	Anais do XI Encontro Regional Norte da ABEM
12. O ensino de música a distância quebra paradigmas educacionais? Uma reflexão durante a pandemia do Covid-19	PEREIRA, Fabiano Lemos.	1 dez. 2020	Educação Música a Distância e Tecnologias no Ensino da Música
13. Práticas pedagógicas musicais escolares: desafios da transição do ensino presencial para o ensino remoto	BRAGA, Simone Marques; FIGUEREDO, Michal Siviero; AMARO, Vinícius Borges; SILVA, Laís de Souza.	1 dez. 2020	6º Nas Nuvens... Congresso de Música
14. A arte musical e seu ensino: desafios e possibilidades do empreendedorismo criativo frente à pandemia de Covid-19	SERRA, Camila Roberta Muniz; CARVALHO, Juliano Maurício de	20 dez. 2020	Gradus Editora - UNESP
15. Fladem Brasil: ações de resistência em meio à pandemia de Covid-19	DOMINGUES, Glauber Resende; BATISTA, Leonardo Moraes.	20 dez. 2020	Revista Música - USP

16. Virtual flauta doce: projetos de extensão integrados com atividades não presenciais	CARVALHO, Isamara Alves; AGUILAR, Patrícia Michelini; CASTELO, David.	20 dez. 2020	Revista Música – USP
17. (Re) Ações da Associação Brasileira de Educação Musical em tempos de pandemia: entre adaptações e a construção de um novo futuro	PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros; OLIVEIRA, Mário André Wanderley.	20 dez. 2020	Revista Música - USP
18. Aulas on-line de instrumentos musicais: novo paradigma em tempos de pandemia	GOHN, Daniel Marcondes.	21 dez. 2020	Revista Da Tulha
19. Experiências de professores de música na pandemia: narrativas sobre espaços públicos e privados	LARRUSCAIN, Edilacir dos Santos; LOURO, Ana Lúcia.	jan. 2021	Revista da FUNDARTE
20. Projeto música sustentável: uma prática de educação musical com materiais reutilizáveis	LIMA, Thiago; FERNANDES, Daniel; SOUZA, João; SILVA, Maria; OLIVEIRA, Vinícius.	1 abr. 2021	Educação: pesquisa em linguagens, leitura e cultura
21. Educação musical durante a pandemia da Covid 19 em 2020: um relato de experiência	CRUZ, Jevison Cesário Santa; LEITE, Maria do Rosário Alves.	1 mai. 2021	Revista Cocar – Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade do Estado do Pará
22. Pandemia da covid-19: possibilidades para democratização da educação a distância em processo de inclusão musical digital	MAUÁ, Paulo; TAETS, Gunnar.	5 mai. 2021	Revista Brasileira de Musicoterapia
23. Ensino coletivo remoto de violão: desafios e (re)invenções pedagógicas durante o período da pandemia do COVID-19	FILHO, Sérgio Alexandre de Almeida Aires; SANTOS, Carla Pereira dos; MARINHO, Vanildo Mousinho.	20 jul. 2021	Anais do XV Encontro Regional Nordeste da ABEM

Analisando os títulos dos 23 artigos selecionados, é possível afirmar que apenas um utiliza o termo “Ensino Remoto Emergencial”; três citam “ensino remoto”; e dezesseis trazem as palavras “pandemia” ou “Covid-19”. Caso a análise fosse realizada apenas por meio dos títulos, a caracterização do recorte temporal destas práticas possivelmente só poderia ser realizada através da descrição do período pandêmico. Com foco em “educação inclusiva” e “primeira infância” é possível encontrar apenas um artigo para cada tema. Sobre ensino de voz e instrumentos há uma publicação sobre ambas as práticas, duas sobre ensino de violão e uma sobre ensino de flauta doce. Também, há um texto que faz alusão à “(re)invenções” e outro a um “novo futuro”. Fazendo referência à denominação do ato pedagógico, não há uma padronização e os termos utilizados, com seus respectivos quantitativos, foram:

- ✓ Educação Musical (5)
- ✓ Experiências musicopedagógicas (3)
- ✓ Ensino de música (1)
- ✓ Práticas pedagógicas (1)
- ✓ Ensino (1)
- ✓ Aulas on-line (1)
- ✓ Educação a distância (1)

Analisando o conteúdo dos textos selecionados, é possível afirmar que 15 fazem referência ao ERE aplicado às diferentes realidades dos pesquisadores. Em relação à autoria dos textos, a análise permite afirmar que a produção acadêmica pesquisada aponta uma possível rede de colaboração no relato das experiências e reflexões pois na maioria houve a participação de dois ou mais autores. A seguir, é apresentado um gráfico que mostra a quantidade de autores por documento:

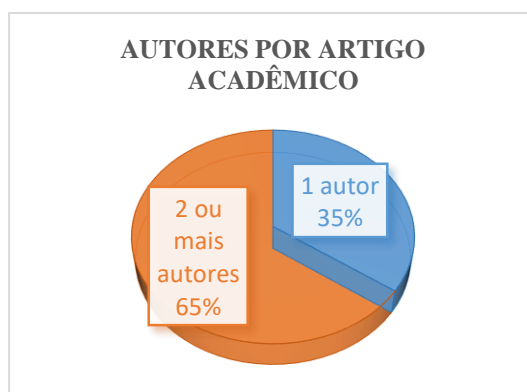


Gráfico 1: Autores por artigo acadêmico

A seguir, será relatada a investigação dos aspectos do ERE explorados nas produções acadêmicas selecionadas, optando nesse momento inicial por uma abordagem individual de cada publicação e separada por categorias de temáticas correlatas para complementar a análise realizada. No entanto, é válido destacar que os textos são elaborações complexas e abordam várias

3.1 Tecnologias digitais e adequações necessárias

Um ponto importante a ser observado sobre o ERE é a relação dos envolvidos frente às tecnologias. **Barros (2020, p. 297)** diferencia a situação do aluno e do professor, tendo como referência o autor Prensky (2001 *apud* BARROS, 2020, p. 297), utilizando dois conceitos. Os estudantes, por terem nascido no meio das revoluções tecnológicas, são caracterizados como nativos digitais. Neste caso, não é apenas uma questão de ter aptidão com as ferramentas, mas estar inserido em uma cultura que utiliza amplamente as TDICs. Já os educadores, são os imigrantes digitais. Seu relacionamento com as tecnologias digitais foi se estabelecendo no decorrer da vida. Se comparada com o aprendizado de uma linguagem, seria como aprender uma segunda língua. Entender essa diferença de utilização das ferramentas pode ser importante para o professor no momento do planejamento pedagógico, para uma prática mais fluente com os dispositivos utilizados. Segundo o autor, “A condição de Imigrante Digital pode gerar nos professores uma visão prática e instrumentalista das tecnologias, o que acaba por não permitir o entendimento das mesmas como conhecimento específico da música” (BARROS; ALMEIDA, 2019, p. 39 *apud* BARROS, 2020, p. 297). Ainda sobre essa questão, o autor conclui que

Portanto, para que o ensino remoto emergencial de música possa ter efetividade, considero como necessária uma mudança conceitual dos professores em relação às práticas musicais oriundas da cultura participativa digital, potencializada pelas tecnologias. Essa reconfiguração de conceitos deve fazer com o que o profissional docente reflita quais conteúdos musicais podem ser trabalhados e mediatizados pelas plataformas virtuais disponíveis, associando-os às práticas musicais digitais participativas, ampliando as oportunidades de ensino-aprendizagem (BARROS, 2020, p. 297).

O texto de **Carvalho, Aguilár e Castelo (2020)** é um relato sobre três projetos de extensão desenvolvidos pelos autores de forma virtual relacionados ao ensino e prática de

flauta doce. Esta ideia surgiu a partir de troca de mensagens, via *Whatsapp*³, sobre a preocupação com seus alunos e o período pandêmico. É interessante destacar que os autores são de cidades diferentes: Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás. Este é mais um exemplo do aproveitamento do rompimento de barreiras geográficas proporcionado pela realidade virtual. Conforme afirmam os autores, “A combinação dos três projetos, cada um com sua especificidade, revelou que é possível, desejável e eficiente o planejamento de ações conjuntas e integradas realizadas inteiramente de maneira virtual” (CARVALHO; AGUILAR; CASTELO, 2020, p. 350). O trabalho de Aguilar, “Flauta Doce em Sistema” é o único específico para o ensino, abordando diferentes metodologias do ensino do instrumento.

O texto de **Pereira e Oliveira (2020)** traz reflexões sobre as mudanças ocorridas na ABEM, devido à crise sanitária aliadas às crises política, econômica e social presentes no país, sendo intensificadas no atual governo. Segundo os autores, os perfis, páginas e canais da associação foram canais fundamentais para aqueles que quisessem se manter atualizados. Foram criados os Fóruns Virtuais de Temas Emergentes da Educação Musical Brasileira com o objetivo de aproximar a comunidade e debater questões que fizeram parte das vidas profissionais dos educadores e pesquisadores. Com o formato virtual, foi possível disponibilizar as gravações dos encontros e receber convidados internacionais. Esse espaço de trocas promove não apenas a partilha do conhecimento, mas a criação de laços e o sentimento de um coletivo entre educadores musicais e interessados. Na visão dos autores,

Em tempos críticos como o que ora atravessamos, é fundamental despertar em todos o “sentido de militância e de envolvimento político”, para que as ações tenham maior visibilidade e maior impacto. Somente assim nos tornaremos uma comunidade, que supera o desejo de estar conectado ou em rede, mas que age como um grande conjunto que é maior do que a soma simples de todos/as. É com o desejo de fomentar esse ideal de comunidade, de incentivar cada vez mais um maior engajamento nas lutas em prol da área, que a ABEM vem procurando ampliar o acesso e a participação nos debates e ações que promove. (PEREIRA; OLIVEIRA, 2020, p. 254)

Cantão (2020) apresenta estratégias utilizadas no ensino de música durante o ERE em um colégio da rede pública de ensino Federal, no Pará, tendo como referência as Metodologias Ativas da Aprendizagem, a Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical e o Modelo C(L)A(S)P de Keith Swanwick. Segundo o autor, as atividades já aconteciam em formato híbrido antes do período de pandemia. Sobre as metodologias ativas, ele afirma que

³ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.

“nessa metodologia acredita-se que o estudante é o principal agente responsável pela sua aprendizagem. Ao educador, cabe despertar a vontade do conhecimento, mostrando os caminhos para seu aluno” (CANTÃO, 2020, p.3). Ele destaca, também, que mesmo já tendo a vivência com estratégias da EaD, a comunidade escolar não se sentiu preparada para todas as mudanças necessárias devido à pandemia da Covid-19. O autor apresentou também alguns dos *softwares* utilizados nas diversas etapas do processo pedagógico, como o *Flipgrid*⁴ e *Song Maker*⁵ para a criação musical, plataformas de áudio como *Deezer*⁶ e *Spotify*⁷ para a apreciação, para a performance, vídeos disponibilizados para auxiliar o aprendizado da flauta doce. O *Google Forms*⁸ foi usado para a avaliação.

Santos (2020) relata duas experiências pedagógicas em seu texto. Uma ocorreu em formato híbrido e outra em EaD, conforme descreve o autor. Apenas a atividade a distância foi no período de pandemia, conforme descrito na introdução. No entanto, não há nenhuma menção ao ERE e a modalidade de ensino é caracterizada como um formato EaD. O tema principal está relacionado com o desenvolvimento das habilidades da BNCC, educação musical e EaD. A experiência ocorreu no Ensino Fundamental – Anos Iniciais e há uma descrição da utilização das funcionalidades do *software Song Maker*. Sobre a utilização de aplicativos, o autor afirma que:

Em Educação Musical, algumas das possibilidades de prática instrumental e composição passam pelo uso de aplicativos e ambientes virtuais, nos quais os alunos terão a oportunidade de revisar, praticar, aprimorar e interagir com conteúdos ao mesmo tempo em que desenvolvem suas competências digitais para registrar, criar e se expressarem artisticamente (SANTOS, 2020, p. 7).

O trabalho elaborado por **Larruscain e Louro (2021)** apresenta as narrativas das visões de seis docentes de música em suas atuações durante a pandemia da Covid-19. Em um trabalho realizado com a banda de uma escola pública, em Santana do Livramento (RS), a falta de rede de internet adequada interferiu na atuação pedagógica. Só materiais gravados puderam ser compartilhados, tanto pelos alunos como pelo professor. Desta forma, o *Whatsapp* foi a ferramenta mais utilizada. Já na rede particular, ocorreram também encontros

⁴ O *Flipgrid* é uma plataforma gratuita, que pode ser usada pelo computador ou aplicativo no celular, e permite a comunicação por meio de vídeos.

⁵ *Song Maker* é uma ferramenta web que permite criar melodias simples com acompanhamento musical percussivo, selecionando timbres instrumentais, tonalidades e andamentos.

⁶ *Deezer* é um serviço de streaming de áudio.

⁷ *Spotify* é um serviço de streaming de áudio.

⁸ *Google Forms* é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google.

online e utilização de materiais complementares, como o *Kahoot*⁹. Na Orquestra Sinfônica de Santa Maria, as aulas eram on-line, dinâmicas e com mais informações, segundo os autores. Já o Conservatório, trocou as tradicionais audições por *lives* em plataformas digitais.

3.2 Demanda e carga horária de trabalho docente

A comunicação elaborada por **Souza, Brook e Lopes (2020)** teve o objetivo de “investigar, mapear, descrever e refletir como têm sido as práticas de educadores musicais que têm atuado de forma remota(...)para crianças até 6 anos de idade em ambientes virtuais, em diferentes contextos de ensino-aprendizagem” (SOUZA; BROOK; LOPES, 2020, p. 1). Foi elaborado um *survey*, através de um formulário on-line, e 91 educadores musicais, sendo 1 de Portugal, responderam fornecendo as informações que foram analisadas no trabalho. Grande parte dos participantes apontaram que celular e notebook foram os dispositivos mais utilizados, com o uso de banda larga. Do total, 95, 3% produziam vídeos, captação de áudio, edições através de seus celulares. A falta de espaço físico e condições apropriadas para a filmagem foram apontados como fatores de dificuldade do processo. Outro ponto negativo foi a falta de domínio do uso de aplicativos e plataforma, o que limitou a construção de um AVA. Também chama a atenção a porcentagem de professores insatisfeitos com o modelo de ensino remoto de música para a primeira infância: 85%. Além disso, 91,8% afirmaram não terem a pretensão de continuar com este formato.

O artigo de **Matos (2020)** é um relato de atividades musicais adaptadas ao ensino remoto na educação básica que poderá dar subsídios para outros professores de música. O autor buscou uma metodologia de trabalho que possibilita a participação ativa do aluno. Entre os aspectos do ERE apresentados importantes para serem levados em consideração estão: acesso ao ambiente virtual, problemas de dispositivos, acesso à rede, inclusão digital e rejeição das pessoas ao formato virtual, e ausência de um AVA. Em relação ao uso de plataformas, afirma que:

O que pude observar, a partir do contexto de trabalho onde atuo – escolas e instituições públicas de Londrina (PR) –, é que os professores estão adotando o uso de ferramentas específicas, muitas vezes não projetadas originalmente a determinadas práticas pedagógicas para, dessa forma, simularem o pacote de ferramentas integradas presentes nos AVAs (MATOS, 2020, p. 81).

⁹ Kahoot! é uma plataforma de aprendizado baseada em jogos, usada como tecnologia educacional em escolas e outras instituições de ensino.

Sobre o professor, Matos (2020) destacou a dificuldade de atuação nesse cenário, a precarização do trabalho com uso de recursos pessoais, horas de trabalho extra não remuneradas, condições insalubres, violação de direitos autorais, saúde mental, estresse, ansiedade, depressão e fadiga física e mental. As ações pedagógicas foram realizadas tendo como referência o material Música Br, elaborado em doze cadernos pedagógicos abordando a prática da escuta musical, do repertório musical brasileiro e de experimentação sonora.

3.3 Novas habilidades para os docentes

O texto de **Serra e Carvalho (2020)** tem como objetivo a compreensão dos principais desafios vivenciados por músicos e professores de música, identificados pelos autores como “empreendedores criativos” (SERRA; CARVALHO, 2020, p. 167). Foi realizada uma ampla discussão sobre o conceito de “economia criativa” onde “emergem pontos de reflexão como o papel da criatividade e dos talentos individuais na produção, bem como na natureza de seus produtos e serviços” (SERRA; CARVALHO, 2020, p. 168). Há o resultado de uma pesquisa realizada com os empreendedores criativos, através de questionário enviado e respondido pelo meio digital, apresentando os impactos da pandemia da Covid-19 nas áreas de atuação (SERRA; CARVALHO, 2020, p. 173). Referente à prática pedagógica, foram destacados o cancelamento de aulas, redução das horas trabalhadas, uso da tecnologia, a perda de estudantes, elaboração e aplicação das atividades, aprendizagem dos alunos e retorno dos pais.

Pereira (2020, p. 4.) afirma que “o grande desafio no uso das tecnologias digitais em aprendizagem de música está em buscar metodologias condizentes com o perfil do professor de Música do século XXI”. Ele destaca que o aluno também realiza busca por informações em comunidades virtuais, entre seus iguais, muitas vezes atendendo suas necessidades. Há uma ampla discussão sobre a necessidade de uma quebra de paradigmas na educação musical a distância, onde a aquisição de conhecimento ocorra de forma significativa para o aluno.

Braga et al (2020) apontam que um dos aspectos positivos dessa modalidade de ensino é a aquisição de novas habilidades por parte do docente. Segundo os autores,

O ERE busca realizar grande parte das atividades em tempo real por meio de atividades síncronas. E ao contrário da modalidade a distância, surge sem um planejamento prévio, ao induzir professores a ministrarem aulas por meio de tentativas de acertos e erros, sendo necessário explorar, experimentar e criar abordagens e propostas educacionais particulares, para se adaptar a distintas situações. (BRAGA et al, 2020, p.4)

Pereira (2020, p. 5) lembra que as performances realizadas de forma assíncrona, gravadas ou em formatos de vídeo ou de áudio, podem ser manipuladas e apresentarem um resultado mais artificial. Portanto, o “tutor”, como a figura do professor é proposta pelo autor, pode através de comunicação síncrona orientar este processo de edição a fim de aproximar o produto final com a naturalidade do “ao vivo”. Ainda sobre as possibilidades de atividades assíncronas, Pereira (2020, p.6) defende que “um fórum virtual que pretende ser sociointeracionista deve partir de uma pergunta provocativa do tutor em relação ao texto e correlacionar à experiência de vida dos alunos”. Esta é uma importante reflexão para o uso assertivo dessa ferramenta. É válido lembrar que seu uso deve proporcionar uma discussão produtiva, com a flexibilidade característica do ensino a distância.

Resende e Batista (2020) fazem um relato das atividades organizadas pelo Fórum Latinoamericano de Música no Brasil. Foram realizados seminário, *lives* e curso, tendo como temática central o ensino de música na educação remota. De acordo com os autores,

Nós, enquanto associação que compõe um Fórum internacional, tivemos que nos conectar e flademianiar ainda mais, compreendendo que é por meio do efetivo movimento em rede que o FLADEM prossegue em suas dinâmicas e ações, bem como orientam os seus princípios. (RESENDE; BATISTA, 2020, p. 279)

Assuntos como a afetividade, prática musical com idosos, uso de percussão corporal e utensílios disponíveis nos lares, aplicativos e ambientes virtuais para a mediação do ensino foram explorados. Houve uma preocupação com a organização dos conteúdos de acordo com o tema explorado nas *lives* FLADEM Brasil, e foram estruturadas em eixos temáticos. Também, há uma observação sobre a possibilidade de ter palestrantes internacionais e de vários lugares do Brasil pela facilidade proporcionada pelo ambiente virtual.

Mauá e Taets (2021) relatam a experiência do ensino de música para adultos cegos ou com baixa visão do Projeto Música Transformando Vidas (PROMUVI), realizado na baixada Santista, em São Paulo. Os autores afirmam que a possibilidade dos encontros virtuais possibilitou a participação de integrantes que antes não participavam dos encontros presenciais por conta do deslocamento geográfico e a flexibilidade de horário. Eles destacam que não encontraram, em fóruns relacionados ao EaD, metodologias e materiais didáticos próprios para pessoas com deficiência visual. A divulgação ocorreu através das redes sociais, já as atividades síncronas através da plataforma *Skype* e *lives* no *Facebook* que ficaram disponíveis para acesso. Também há a intenção de continuar as ações, contemplando pessoas

de todos os lugares, e realizar formações com profissionais interessados em trabalhar com este público utilizando as TDICs. Concluindo, os autores afirmam que,

Afinal, Música é participar, com qualquer capacidade, em uma performance musical. Assim nos lembra Small (1999) que *musicizing* é uma atividade em que todos os presentes estão envolvidos e por cujo sucesso ou fracasso todos os presentes têm uma responsabilidade. Isto não é apenas uma questão de compositores, ou mesmo performers, ativamente fazendo algo para o resto passivo de nós para contemplar. O que quer que esteja sendo feito, todos nós estamos fazendo juntos (MAUÁ; TAETS, 2021, p. 21).

Nunes (2020) realizou a fundamentação do Simpósio de “Experiências Musicopedagógicas em Tempos de Pandemia”, realizado pela ABEM, que também é o título do artigo. O tema abordado será o relato de experiências realizadas por integrantes do grupo de pesquisa relatado em diferentes textos, que serão descritos nos próximos parágrafos. A publicação traça, para o leitor, um panorama do contexto vivido na pandemia e apresenta conceitos como “Educação Aberta” (NUNES, 2020, p. 4) e “Recursos Educacionais Abertos” (REA), referindo-se à utilização de recursos em diversos formatos como *softwares*, aplicativos, apresentações etc, podendo ser utilizados gratuitamente por qualquer pessoa, possibilitando mais acesso ao conhecimento. Em sua conclusão, aponta as condições que julga imprescindíveis para o sucesso dessas atividades no ERE: “o domínio das tecnologias, o empenho pela harmonização doméstica em torno dos processos educativos e a preocupação com o acolhimento” (NUNES, 2020, p. 10). Esses são pontos recorrentes nos textos analisados nessa pesquisa e importantes para a caracterização do ERE.

Silva, Silva e Atolini (2020) relataram três experiências musicopedagógicas realizadas na Educação Infantil, Ensinos Fundamental I, II e Médio da rede privada. Os encontros ocorreram de forma síncrona e faziam parte das ações a pesquisa e a criação de materiais para auxiliar no trabalho de percepção sonora, na identificação de timbre e apreciação. A professora que já utilizava as TDICs em sua formação (sua graduação foi na modalidade EaD), afirma que realizou a transição do presencial para o virtual com mais naturalidade. Os alunos não tiveram muitos problemas para acessar as aulas, mas relataram excessos de atividades nas diferentes disciplinas. Os autores destacam que, “contudo, também é preciso reconhecer que os relatos aqui trazidos são parte de uma realidade, muito diferente daquela, sob a qual vive uma grande maioria da população (...)” (SILVA; SILVA; ATOLINI, 2020, p. 23).

Girardi e Santos (2020) relataram as atividades musicopedagógicas desenvolvidas dentro de um Programa Social, que tem como objetivo a integração de crianças e adolescentes por meio de práticas musicais coletivas. A metodologia aplicada envolvia atividades síncronas e assíncronas. A instituição responsável viabilizou, para os integrantes mais economicamente desfavorecidos, planos de dados e equipamentos que foram adquiridos por doação. Também foram realizadas formações e disponibilizados materiais de apoio para as equipes pedagógicas, como auxílio nas ações do ERE. Com encontros individuais e coletivos, a afetividade foi um marco neste trabalho. Misturadas às questões de técnicas instrumentais, apareciam questões pessoais também. Para os momentos em grupo, foi estabelecido um “código de postura para a realização das aulas” (GIRARDI; SANTOS, 2020, p. 31). Este novo formato de reunir o coletivo também necessitou de novos acordos disciplinares para seu maior aproveitamento.

O último texto do Simpósio “Experiências Musicopedagógicas em Tempos de Pandemia”, realizado pela ABEM, foi de **Leite e Cunha (2020)** tendo como foco o ensino superior. O texto apresenta alguns aspectos que podem enriquecer essa discussão, como por exemplo a constatação da necessidade de disciplinas específicas para a formação do docente neste século para o uso das TDICs em suas práticas. Sobre os materiais desenvolvidos por educadores e alunos os autores afirmam que “para tais produções, certamente, saberes tecnológicos de docentes e estudantes foram ampliados” (LEITE; CUNHA, 2020, p. 50). A realidade imposta pela pandemia parece ter revelado como estão defasados os conhecimentos do professor para essa atuação virtual, e há indícios de que essa atuação será cada vez mais comum no futuro. Outro aspecto do ERE importante que foi explorado foi a inserção de terceiros em espaços pessoais, tanto dos alunos como professores. Sobre isso, os autores afirmam,

Salienta-se, que uma das grandes dificuldades vivenciadas por professores e estudantes foi a necessidade de permitir inserção de outros, em suas rotinas e espaços privativos. Assim, utilizar câmera, por exemplo, não foi obrigatório; mas se tornava impositiva. Nestas ocasiões, foi preciso compreensão e paciência, pois tal interferência poderia causar constrangimentos, nas realidades de moradia e intimidade de moradores, que ficavam expostas, cerceando liberdades (LEITE; CUNHA, 2020, p. 43).

3.4 Desigualdade social e exclusão digital

Gohn afirma que não há apoio para o ERE em todos os níveis da educação (GOHN, 2020, p. 156). Ao mesmo tempo que o professor precisa planejar e acompanhar o processo

pedagógico, também tem tarefas domésticas e cuidados com os filhos, que não estavam frequentando a escola devido ao isolamento. Esta é uma questão muito importante para entender a contextualização dessa modalidade. Seu texto relata o ensino de bateria no ERE, demonstrando a importância de uma pedagogia apropriada e capaz de assegurar a qualidade na comunicação, minimizando os possíveis problemas e garantindo o aprendizado planejado. Há indicações de *softwares* para aprimoramento de áudio em atividades síncronas (GOHN, 2020, p. 160). Uma das dificuldades encontradas foi a falta do instrumento para alguns alunos, precisando utilizar a bateria emprestada de algum outro lugar. A importância de melhorias nas condições de trabalho do professor, a observação de desigualdades socioeconômicas e a dependência mais intensa das TDICs, neste momento, não apenas para a produção de conteúdo, foram destaques em sua conclusão. Segundo o autor,

A excepcionalidade da pandemia criou uma situação emergencial, demandando respostas imediatas em alguns casos, e muitas vezes planejamentos de ações sem contar com muitos recursos. Novos paradigmas despontaram, com a reformulação de experiências anteriores na EAD, inseridas na conjuntura gerada pelo Covid-19. Melhorias nas condições de trabalho dos professores se tornam necessárias e são possivelmente com pesquisas sobre metodologias de ensino e investimentos em equipamentos, ainda que esses tenham que ser feitos de forma pessoal (GOHN, 2020, p. 168).

Pereira (2020, p. 10) denuncia que não foram disponibilizadas condições de acesso aos usuários mais pobres. Além disso, aponta como dispositivo mais utilizado o celular, que traz limitação quanto à transmissão de dados devido aos planos contratados com as operadoras e falta de memória interna. O autor denuncia que a pandemia gerou um “*apartheid social*” (PEREIRA, 2020, p. 11) onde a educação privada contrata serviços para estruturar o ERE e a pública fica refém de leis que não contemplam esses investimentos. Essas informações são muito importantes para repensar políticas públicas que favoreçam igualdades de acesso entre a população.

Westermann, Portugal e Rodrigues (2021) escreveram uma comunicação sobre a adaptação da ação de extensão ‘oficina de iniciação ao violão’ ao formato remoto. Ocorrido em Feira de Santana (BA), há relatos sobre dificuldades de conexão dos docentes, mesmo tendo planos e pacotes de dados compatíveis com essa demanda (WESTERMANN; PORTUGAL; RODRIGUES, 2021). Este é um ponto importante pois denuncia uma falta de infraestrutura brasileira para as conexões ao meio digital. Sobre os materiais, foram

disponibilizadas gravações em grupos de *Whatsapp* e postadas no *Youtube*¹⁰. Esse foi o meio encontrado para maior democratização ao acesso, já que não teria a possibilidade de encontros síncronos devido às condições socioeconômicas dos alunos. Também, este formato de produção de conteúdo estava relacionado ao Trabalho de Conclusão de Curso de um dos bolsistas do projeto. Como principais dificuldades encontradas, foram apontadas a falta de infraestrutura para a produção do material audiovisual e a comunicação com os estudantes (WESTERMANN; PORTUGAL; RODRIGUES, 2021, p. 9).

O texto de **Alexandre, Santos e Marinho (2021)** é uma comunicação sobre uma experiência de ensino coletivo remoto de violão em um projeto de extensão universitária. Uma das dificuldades encontradas foi a latência dos áudios dos participantes, dificultando a audição de todos ao mesmo tempo. Inicialmente, apenas o professor tinha o microfone habilitado, com o avançar do processo, os alunos escolhiam qual seria o integrante a ser ouvido, podendo ser qualquer um presente no encontro síncrono. Os autores afirmam que nesta modalidade de ensino “a ansiedade, o receio de ser julgado e a inibição acabam sendo ligeiramente amenizados” (ALEXANDRE; SANTOS; MARINHO, 2021, p. 9). Uma estratégia é relatada na publicação, sugerindo o início do encontro 10 minutos antecipadamente para que áudios e dispositivos fossem testados e minimizar a ocorrência de problemas durante a aula.

Cruz e Leite (2021) realizaram um relato de experiência das aulas de Educação Musical em escola de Ensino Fundamental I, na região metropolitana da cidade de Recife (PE) durante o período da pandemia da Covid-19. Os pesquisadores afirmam que houve um grande número de alunos evadidos devido à falta ou precariedade no acesso à internet e de equipamentos para os encontros remotos. Ocorreram atividades síncronas, através do *Google Meet*¹¹, e assíncronas, como vídeos no *Youtube*. Os encontros tinham uma duração de 30 minutos. Os autores evidenciaram que “a pandemia ratificou as desigualdades socioeconômicas e digital no país” (CRUZ; LEITE, 2021, p. 15) e diferenciaram a educação domiciliar do ERE. Apontaram uma resistência dos familiares em ajudar os alunos nas atividades propostas, sinalizando necessidade de uma aproximação maior entre educadores e famílias.

As narrativas apresentadas no texto de **Larruscain e Louro (2021)**, de uma forma geral, apontam para o privilégio da parcela da população favorecida financeiramente, pois

¹⁰ *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos.

¹¹ *Google Meet* é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google.

puderam ter soluções mais criativas e efetivas no ERE. Sobre os problemas vividos por grande parte das escolas brasileiras, afirmam que:

Os recortes de narrativas dos professores descortinam o que se tem sabido sobre a realidade da maioria das escolas brasileiras. Destaca-se dois dilemas: de um lado, existem desigualdades históricas acerca do acesso à qualidade de ensino, por outro, a valorização da Música nos currículos escolares ainda tem um longo caminho a percorrer (LARRUSCAIN; LOURO, 2021, p. 13).

3.5 Utilização de materiais recicláveis

Lima et al. (2021) relatam as ações do Projeto Música Sustentável, que teve como idealizadores alunos do 1º ano do Ensino Médio integrado ao curso técnico de Desenvolvimento de Sistemas e do curso técnico de Marketing. Esta atividade objetivou, por meio de aulas e tutoriais, a produção de instrumentos musicais sustentáveis com a utilização de materiais reutilizáveis, tendo sido divulgada através de redes sociais no período de pandemia. Os alunos pertenciam à Escola Técnica Estadual do município de Caruaru (PE). Todas as ações foram realizadas através do perfil criado no *Instagram* e não houve a utilização de um AVA. Essa foi a alternativa encontrada para alcançar maior quantidade de ouvintes. “Para isso, foi criado um perfil na página da rede social do *Instagram* (@musica_sustentavel) para divulgação das ações do projeto, como: informar sobre a reciclagem na confecção dos instrumentos sustentáveis; ensinar sobre música; realizar *lives* para dar dicas de como tocar os instrumentos” (LIMA et al, 2021, p. 222).

O texto de **Stervinou (2020)** apresentou a comunicação de um trabalho realizado com confecção e máscara de garrafa Pet para flautistas da Universidade Federal do Ceará (UFC). Segundo a autora, os alunos utilizam instrumentos emprestados pela universidade devido sua situação socioeconômica. Além disso, é relatada uma tentativa de realizar uma prática presencial com as devidas medidas de segurança. “A respeito dos instrumentos de sopros, o estudo aponta que para os metais, a projeção de pequenas gotículas é, no geral, menor que 0,5 m., porém, uma distância de 1,5 m é recomendável entre os instrumentistas” (STERVINO, 2020, p. 4). As máscaras criadas são mais uma das ferramentas utilizadas para uma prática mais segura.

3.6 Conclusões da análise

Concluindo esta análise, é possível sintetizar os seguintes aspectos abordados sobre o ensino remoto de música durante a pandemia da Covid-19 em todos os 23 textos analisados:

- ✓ Paradigmas na educação musical
- ✓ Metodologia de ensino
- ✓ Gamificação
- ✓ Regime de trabalho dos professores
- ✓ Saúde mental de alunos e professores
- ✓ Novas habilidades dos docentes
- ✓ Rede colaborativa de trocas de experiências
- ✓ Atividades síncronas e assíncronas
- ✓ Caráter emergencial das ações
- ✓ Afetividade nos encontros pedagógicos
- ✓ Participação de alunos devido a flexibilidade de horários e ausência de deslocamento
- ✓ Participação da família no processo de aprendizagem
- ✓ Evasão de alunos
- ✓ Inclusão social
- ✓ Desigualdades socioeconômicas no país
- ✓ Infraestrutura (dispositivos e conexão)
- ✓ Plataformas e *softwares* auxiliando no processo pedagógico
- ✓ Utilização de recursos recicláveis

Nos textos analisados, a utilização das tecnologias digitais, com suas adequações necessárias para cada área do saber, aparece como uma possível indicação de mudança de paradigmas para o futuro da Educação Musical. Dessa forma, seria necessário rever as metodologias de ensino que estavam sendo utilizadas no processo pedagógico. Uma alternativa descrita de forma muito positiva foi a gamificação. A utilização dessas mecânicas e pensamentos orientados para jogos é apontada como uma ferramenta positiva para as aulas e capaz de alterar significativamente a forma como o aluno se relaciona com o fazer musical e o aprendizado.

Outro aspecto muito citado foi o aumento de demanda e carga horária de trabalho (sem remuneração extra) por parte de professores, e o não fornecimento de meios adequados

pelos empregadores, para exercerem suas atividades. Esse é um dos fatores para o agravamento da saúde mental dos educadores. No entanto, há outros elementos que contribuíram não só para esse adoecimento dos docentes, mas dos alunos também. Foi registrado o aumento de casos de ansiedade e depressão devido às medidas necessárias para a contenção da pandemia da Covid-19 e sobrecarga de trabalho e tarefas. Os encontros síncronos foram apontados como momentos importantes de socialização e troca de afetividade entre professores e alunos.

Sobre as novas habilidades necessárias para os docentes, há uma ênfase nas questões tecnológicas, como: edição de vídeos, áudios, utilização dos recursos de AVA para transpassar a separação geográfica entre estudantes e professores, utilização de aplicativos de mensagens, maior interação através de redes sociais, novas plataformas digitais para videoconferências. Além disso, também foi apontada a necessidade de encontrar novas metodologias capazes de alcançar seus objetivos pedagógicos e manter os vínculos afetivos através da interação virtual com seus alunos.

A desigualdade socioeconômica no país tem sido um grande obstáculo enfrentado segundo os autores. Falta de condições de acessibilidade da internet e acesso a dispositivos com condições adequadas para as práticas foram apontados como questões importantes para um grande número de evasão dos alunos. Embora alguns tenham sido favorecidos por não precisar se deslocar geograficamente e ter mais flexibilidade nos horários das atividades, uma quantidade significativa de crianças e adolescentes não tiveram condições de continuar com seus estudos nesse período pandêmico. Além disso, a situação é ainda mais grave para pessoas com algum tipo de deficiência, que não tiveram acesso a materiais adaptados às suas necessidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que a impossibilidade de realização de aulas presenciais nas escolas, devido às medidas sanitárias e suas devidas adaptações necessárias para evitar a disseminação do coronavírus, fez com que surgissem novas propostas de ensino de música em caráter de emergência, apenas com atividades remotas e utilizando as TDICs. Ao longo da pesquisa, buscou-se evidenciar a hipótese de que a educação está passando por uma mudança de paradigmas, onde há ainda a predominância de experiências empíricas e troca de informações entre os profissionais de todo o país e o mundo.

Esta proposta pedagógica é, uma vez que no momento da escrita deste trabalho o Brasil ainda se encontra com algumas restrições devido à ocorrência da pandemia da Covid-19, um grande desafio para educadores e famílias brasileiras. A Educação Musical, objeto de estudo deste trabalho, vem encontrando novos caminhos e soluções com as adversidades surgidas, bem como enfrentando diversos desafios. Embora não seja uma novidade atualmente, pois já ocorre há mais de um ano, ainda há muitos obstáculos encontrados desde o início da implantação do ensino remoto através dos meios digitais, tais como: a falta de estrutura, desigualdades socioeconômicas, angústia pela demanda de aprendizado, tanto por parte de professores quanto de estudantes, e a mobilização familiar.

Diante disso, a pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como objetivo geral analisar as concepções/tendências teórico-metodológicas da produção acadêmica brasileira a respeito de práticas educativo-musicais no contexto da pandemia da Covid-19. Como contribuições para a área, a pesquisa vislumbra ofertar possíveis caminhos a serem trilhados quando estiver sendo vivenciado o “novo normal”, conforme é denominado pelo senso comum a projeção do fim do período pandêmico. Espera-se que este propósito tenha sido atendido através da análise das publicações e identificação das características importantes desta proposta emergencial de ensino auxiliando a construção de novas práticas pedagógico-musicais em um futuro próximo. Também é possível destacar pontos críticos para possibilitar uma reflexão capaz de auxiliar a busca de novas estratégias musicopedagógicas eficazes.

O segundo capítulo, nomeado “Metodologia e fundamentação teórica” apresentou o alicerce metodológico deste trabalho e buscou auxiliar a compreensão dos conceitos de tecnologia e sua aplicação na área da Educação, através das TDICs e da conceituação e contextualização de formas de ensinar remotamente: EaD, ERE, Educação On-line. O

conceito apresentado na pesquisa compreende o ERE como uma proposta pedagógica que foi imposta sem um planejamento prévio, caracterizado como provisório, devido à situação pandêmica, utilizando as TDICs como seu principal meio de mediação, seguindo as orientações das instituições oficiais, e com aplicabilidade durante um determinado período de tempo, embora sem uma data de término ainda definida. Além disso, foi contextualizado o cenário onde surgiu esta modalidade pedagógica e realizada a discussão de algumas semelhanças e diferenças com a EaD. As principais diferenças constatadas foram o caráter emergencial, a grande utilização de atividades síncronas e o tempo de planejamento adequado para sua efetivação. Foram apresentados documentos publicados pelas instâncias regulamentadoras de ensino no Brasil que nortearam as práticas dos docentes neste período.

O terceiro capítulo, nomeado “Análise dos Textos”, apresentou as análises dos 23 artigos pesquisados que tiveram como tema principal o ensino de música durante o período da pandemia da Covid-19, tendo sido publicados no período de março de 2020 até julho de 2021. Foi constatado que 65% das publicações foram realizadas de forma coletiva, com dois ou mais integrantes. Este é um reflexo da rede colaborativa que favorece as trocas de experiências e saberes entre os docentes neste novo formato de ensino. Dando continuidade, os títulos foram analisados e a pesquisa aponta a pouca utilização do termo ERE, apesar desse conceito sustentar as práticas e debates levados a cabo nas publicações, visto que as estratégias e recursos utilizados caracterizaram-se pelo modelo remoto de caráter emergencial, para encontrar caminhos pedagógicos que possibilitassem o ensino durante o período de distanciamento social obrigatório. Ainda sobre os títulos, há muitas referências à pandemia da Covid-19 e utilização de diversos conceitos para caracterizar a prática pedagógica-musical. Na sequência, foram destacadas contribuições importantes dos autores sobre a temática analisada. Por fim, realizou-se uma síntese dos principais aspectos abordados, tendo como objetivo contribuir para compreensão dos procedimentos pedagógicos utilizados no período pandêmico, podendo gerar novos conhecimentos e, desta forma, auxiliar na construção de novas práticas de ensino e aprendizagem em Educação Musical no período pós pandemia.

Esta pesquisa foi realizada através de uma revisão de literatura baseada em artigos publicados a respeito do ensino remoto e a Educação Musical, ocorridos no período da pandemia da Covid-19 no Brasil. As publicações foram encontradas através de ferramentas de busca digitais e são artigos acadêmicos. Devido à contemporaneidade do assunto, embora fosse possível ter contato com aspectos importantes deste modelo de ensino, este pode ser um fator limitante e futuramente poderão ser analisados outros tipos de documentos, como

teses e dissertações, com uma reflexão mais aprofundada, podendo inclusive ver os resultados dos processos pedagógicos descritos. Além disso, há um vasto material audiovisual disponibilizado de *lives*, congressos, simpósios e outros eventos relacionados à Educação Musical e o ensino remoto durante a pandemia. Esta análise de outros registros possibilitará maior riqueza de elementos para estudo e proporcionará resultados ainda mais significativos, inclusive para a utilização de novas abordagens de ensino.

Nas análises realizadas, alguns aspectos foram abordados pela grande maioria dos autores. Um deles é a questão da falta de infraestrutura, de alunos e professores, para acessibilidade da internet e utilização de dispositivos adequados para as atividades propostas. Um dos grandes obstáculos enfrentados foi a desigualdade socioeconômica por todo país. Outra temática muito explorada é a necessidade da ampliação dos conhecimentos tecnológicos dos docentes. Há muitos relatos de dificuldades encontradas para edição de vídeos, áudios, gravação de videoaulas, utilização de softwares e plataformas de videoconferências. Esta deve ser uma preocupação não apenas na atualização dos profissionais, mas também das instituições responsáveis pelas formações acadêmicas dos futuros educadores musicais segundo os pesquisadores. Também foi observada a importância de se pensar em estratégias que contemplem o uso de celulares e computadores, pois foram os equipamentos mais utilizados neste período.

Espera-se que esta pesquisa possa auxiliar pesquisadores e educadores musicais a promover uma Educação Musical contextualizada com seu tempo, democrática e de qualidade, que não hesite em romper paradigmas e se aventurar em um novo formato de ensino, sempre tendo a ciência como nossa principal aliada e o espírito de coletividade. Aponta-se, como sugestão, que novas pesquisas sejam realizadas buscando como proporcionar o acesso ao conhecimento musical através das TDICs, em modelos pedagógicos híbridos, e a análise dos resultados dessas práticas para que possamos avançar na busca da qualidade da educação musical contemporânea.

5 REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. P. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 08 ago. 2021.

ASSOLINI, Elaine. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA ESCOLA. **Revide**, 13 dez. 2017. Disponível em: <https://www.revide.com.br/blog/elaine-assolini/tecnologias-digitais-de-informacao-e-comunicacao-n/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BARROS, Matheus Henrique da Fonseca. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino de música em meio à Covid-19. **OUIROUVER**: revista dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Artes, Uberlândia, MG, ano 2020, v. 16, n. 1, p. 292-304, 30 jul. 2020. DOI <https://doi.org/10.14393/OUV-v16n1a2020-55878>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/55878>. Acesso em: 13 jul. 2021.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O Ensino remoto emergencial e a educação a distância**. Jul. 2020. Disponível em <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em 07/08/2021.

BRAGA, Simone Marques; FIGUEREDO, Michal Siviero; AMARO, Vinícius Borges; SILVA, Lais de Souza. Práticas pedagógicas musicais escolares: desafios da transição do ensino presencial para o ensino remoto. In: ROCHA, Edite et. al. **6º Nas Nuvens... Congresso de Música: anais**. Escola de Música da UFMG, Belo Horizonte/MG, 2020. p. 01-15. Disponível em: <https://musica.ufmg.br/nasnuvens/wp-content/uploads/2020/11/2020-BRAGA-Simone-Marques-et-al.pdf>. Acesso em: 13 jul 2021.

BRASIL. Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020. Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 19 ago. 2020.

BRASIL. Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial da União**: seção 1 - extra, Brasília, DF, 1 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP Nº 2, de 10 de dezembro de 2020. Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas pelos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais, durante o estado de calamidade reconhecido pelo Decreto

Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 11 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**. Seção 1, p. 39.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 69.

CANTÃO, Felipe Novaes. Educação Musical em Tempos de Pandemia: Desafios e Possibilidades. *In: XI Encontro Regional Norte da Associação Brasileira de Educação Musical*, [s. l.], 20 nov. 2020. p. 01-14. DOI <https://doi.org/10.14393/OUV-v16n1a2020-55878>. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/RegNt2020/norte/paper/viewFile/510/432>. Acesso em: 17 jun. 2021.

CARVALHO, M. M. **O Ensino Específico de Música para Deficientes Visuais: O Método Musibaille**. 2019. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Musical, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: http://intervox.nce.ufrj.br/musibaille/textos/monografia_maressa_o_metodo_musibraile.pdf. Acesso em: 21 ago. 2021.

CARVALHO, I. A.; AGUILAR, P. M.; CASTELO, D. Virtual flauta doce: projetos de extensão integrados com atividades não presenciais. **Revista Música**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 337-350, 2020. DOI: 10.11606/rm.v20i2.179788. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/179788>. Acesso em: 16 jul. 2021.

CERNEV, F. K; MALAGUTTI, V. G. # Escola# Música# Tecnologia: apreciar, executar e criar utilizando as tecnologias digitais em sala de aula. *Música na Educação Básica*, v. 7, n. 7/8, p. 97-107, 2017.

CRUZ, Jevison Cesário Santa; LEITE, Maria do Rosário Alves. Educação musical durante a pandemia da covid 19 em 2020: um relato de experiência. **Revista Cocar**, Belém, PA, ano 2021, v. 15, n. 32, p. 1-20, 1 maio 2021. DOI <https://doi.org/10.31792/rc.v15i32>. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3940>. Acesso em: 12 jul. 2021.

DAROS, Thuinie. **Covid-19 impulsiona uso de metodologias ativas no ensino a distância, Desafios DA Educação, 2020**. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/coronavirus-metodologiasativas/#:~:text=Atividade%20remota%20significa%20a%20realiza%C3%A7%C3%A3o,aplicadas%20neste%20momento%20de%20crise>. Acesso em: 01 ago. 2021

DOMINGUES, G. R.; BATISTA, L. M. Fladem Brasil: ações de resistência em meio à pandemia de COVID-19. **Revista Música**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 259-282, 2020. DOI:

10.11606/rm.v20i2.179805. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/179805>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FERNANDES, José Nunes. **Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação musical: contexto, métodos, técnicas, ética, escrita e desafios**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2021. ISBN 978-65-00-11711-0.

FERNANDES, S. G; COUTINHO, C. P. **Tecnologias no Ensino da Música: revisão integrativa de investigações realizadas no Brasil e em Portugal**. Educação, Formação & Tecnologias, v. 7, n. 2, p. 94-109, 2014.

FILHO, Sérgio Alexandre de Almeida Aires; SANTOS, Carla Pereira dos; MARINHO, Vanilda Mousinho. Ensino coletivo remoto de violão: desafios e (re)invenções pedagógicas durante o período da pandemia do COVID-19. *In: XV Encontro Regional Nordeste da Associação Brasileira de Educação Musical*, [s. l.], p. 1-13, 20 jul. 2021. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/viewFile/458/269>. Acesso em: 05 ago. 2021.

GIRARDI, Michele; SANTOS, Cláudia Elisiane Ferreira dos. Possibilidades Musicopedagógicas para o ensino instrumental e vocal online: a experiência no Programa NEOJIBA. *In: ANAIS DO ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM*. V.4, 2020, p. 24-38. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/view/404/268>. Acesso em: 05 de jun., 2021.

GOHN, D. M. **Aulas on-line de instrumentos musicais: novo paradigma em tempos de pandemia**. *Revista Da Tulha*, 6(2), 152-171, 21 dez. 2020.
<https://doi.org/10.11606/issn.2447-7117.rt.2020.170749>

GOHN, D. M. **Educação musical a distância: propostas para o ensino e aprendizagem de percussão**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). 191 f. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

HODGES, Charles et al. **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning**. 17 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn1>. Acessado em 21 de julho de 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em: 01 ago. 2021.

KARASINSKI, Lucas. **O que é tecnologia?** 2013. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/tecnologia/42523-o-que-e-tecnologia-.htm>. Acesso em: 21 ago. 2021.

KRÜGER, S. E. Educação musical apoiada pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC): pesquisas, práticas e formação de docentes. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 14, p. 75-89, 2006.

LARRUSCAIN, Edilacir dos Santos; LOURO, Ana Lúcia. EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES DE MÚSICA NA PANDEMIA: NARRATIVAS SOBRE ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS. *In: REVISTA da FUNDARTE: Poéticas do Isolamento: experiências em arte e educação em tempos de pandemia*, Monte Negro, RS, ano 21, n. 44, p. 1-15, jan/mar. 2021. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/871>. Acesso em: 7 jun. 2021.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEITE, Jaqueline Câmara; CUNHA, Obadias de Oliveira. Experiências Musicopedagógicas em Tempos de Pandemia: Ensino Superior. *In: ANAIS DO ENCONTROREGIONAL NORDESTE DA ABEM*. V.4, 2020, p. 38-52. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/view/404/268>. Acesso em: 05 de jun., 2021.

LIMA, Thiago José Bezerra de; FERNANDES, Daniel Lima; SOUZA, João Vítor Barros de; SILVA, Maria Eduarda Almeida; OLIVEIRA, Vinícius Tabósa de. PROJETO MÚSICA SUSTENTÁVEL: UMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO MUSICAL COM MATERIAIS REUTILIZÁVEIS. *In: Educação Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura*, [S. l.], p. 218-228, 1 abr. 2021. DOI 10.37885/210102731. Disponível em: <https://www.editoracientifica.org/articles/code/210102731>. Acesso em: 19 jul. 2021.

MARINI, Eduardo. **Alfabetização digital se torna missão obrigatória para as escolas**: Os algoritmos começam a bater na porta de instituições comprometidas em formar jovens em condições de ler, escrever e programar o novo mundo que se impôs. *Educação*, [S. l.], n. 259, p. 118-135, 3 jul. 2019. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2019/07/03/escolas-alfabetizacao-digital/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

MATOS, Ronaldo Aparecido de. Possibilidades de ensino remoto de música na educação básica pautadas no material Música Br. **Música na Educação Básica**, Londrina, PR, v. 10, n. 12, p. 74-95, 20 out. 2020. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed12/Revista%20MEB%2012_Ronaldo%20Aparecido%20de%20Matos.pdf. Acesso em: 2 maio 2021.

MAUÁ, Paulo Eduardo; TAETS, Gunnar Glauco De Cunto Carelli. PANDEMIA DA COVID-19: POSSIBILIDADES PARA DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM PROCESSO DE INCLUSÃO MUSICAL DIGITAL. *In: Brazilian Journal of Music Therapy*, [s. l.], v. 2, n. 29, p. 8-23, 5 maio 2021. DOI <https://doi.org/10.51914/brjmt.29.2020.97>. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/97>. Acesso em: 27 maio 2021.

MELO, A. M; LOPARDO, C. E; MELO, G. M. **Computação Aplicada à Educação Musical: desafios e perspectivas ao planejamento docente no contexto da Educação Inclusiva.** In: WORKSHOP DE DESAFIOS DA COMPUTAÇÃO APLICADA À EDUCAÇÃO. 5., 2016, Porto Alegre, Anais... Porto Alegre: DesafIE, p. 617-625, 2016.

MILETTO, E. M et al. Educação musical auxiliada por computador: algumas considerações e experiências. In: **RENOTE**: revista novas tecnologias na educação. Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 01-12, 2004.

NÁDER, Alexandre Milne-Jones; MELO, Antonio Joelson da Silva; MEDEIROS, Gleberton Freire; FELIX, Weid Sandro de Souza. Música enquanto ação extensiva: planejamento, avaliação e atividades desenvolvidas em curso de história da música durante o período de distanciamento social. In: **ANAIS DO ENCONTRO REGIONAL NORDESTEDA ABEM.** V.4, 2020,. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/view/596/272>. Acesso em: 08 de jun., 2021.

NAVEDA, L. A. B. Inovação, anjos e tecnologias nos projetos e práticas da educação musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 14, p. 65-74, 2006.

NUNES, Helena de Souza. Experiências Musicopedagógicas em Tempos de Pandemia. In: **ANAIS DO ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM.** V.4, 2020, p. 1-12. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/view/404/268>. Acesso em: 21 de ago., 2021.

PAIVA, L. L. G. **O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO E APRENDIZAGEM MUSICAL: Um estudo com guitarristas licenciandos em Música na UFRN.** 2015. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1171/3/PAIVA%2C%20Luciano%20-%20Monografia.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2019.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. ENSINO REMOTO OU ENSINO A DISTÂNCIA: efeitos da pandemia. **Estudos Universitários**: Revista de Cultura, Recife: Ed. Universitária da UFPE, v. 37, ed. 1 e 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/estudosuniversitarios/article/view/249044>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PENNA, Maura. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música.** Porto Alegre: Sulina, 2015. 183 p.

PEREIRA, Fabiano Lemos. O ENSINO DE MÚSICA A DISTÂNCIA QUEBRA PARADIGMAS EDUCACIONAIS? UMA REFLEXÃO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19. **Educação musical a distância e tecnologias no ensino da música**, Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros; OLIVEIRA, Mário André Wanderley. (Re)Ações da Associação Brasileira de Educação Musical em tempos de pandemia: entre adaptações e a construção de um novo futuro. **Revista Música**, São Paulo, SP, v. 20, n. 2, p. 239-258, 20

dez. 2020. DOI <https://doi.org/10.11606/rm.v20i2.179804>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/179804>. Acesso em: 16 maio 2021.

POLATE, Viviane Aparecida Tomaz. INCLUSÃO DIGITAL NAS ESCOLAS: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA SE (RE)PENSAR O DITAL EM REDE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 118-135, 29 jun. 2018. DOI <https://doi.org/10.12957/redoc.2018.33478>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/33478/25239>. Acesso em: 21 ago. 2021.

REPSOLD, M. Tecnologias da informação e comunicação no Ensino de Música na Educação Básica: iniciando uma revisão bibliográfica. *In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DEPÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA*, 5., 2018, Rio de Janeiro, Anais...Rio de Janeiro: SIMPOM, p. 209-219, 2018.

SANTOS, Amanda de Jesus Oliveira. LETRAMENTO DIGITAL NA BNCC: A CULTURA DIGITAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA. *In: Anais do V Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Goiás (CEPE/UEG): Ciência para redução de desigualdades*, Goiás, v. 5, 17 abr. 2019. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/12360>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SANTOS, A. H; MENDES, A. N. A. **A educação musical de deficientes visuais com o uso da placa Makey Makey**. *In: Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical da ISME, XI., 2017, Natal. Anais... Natal: ISME, p. 1-14, 2017.*

SANTOS, Cassiano Lima da Silveira. AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO MUSICAL: POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. *In: Anais do CIET:EnPED:2020 - (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância)*, São Carlos, ago. 2020. ISSN 2316-8722. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1228>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SERRA, Camila Roberta Muniz; CARVALHO, Juliano Maurício de. **A arte musical e seu ensino: desafios e possibilidades do empreendedorismo criativo frente à pandemia de Covid-19**. Gradus Editora, 20 dez. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/202379>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SILVA, Katia Sirlene de Moraes Duarte da; SILVA, Renato Alves da; ATOLINI, Rafael Guerini. E agora? É a hora!!! *In: ANAIS DO ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM*. V.4, 2020, p. 13-24. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/view/404/268>. Acesso em: 05 de jun., 2021.

SOMBRA, Daniel do Nascimento; TEÓFILO, Israel Kleber de Oliveira. Núcleo de Educação Musical e Artes: Desenvolvimento das Dimensões da Musicalidade nas aulas de Arte em Caucaia/CE no início do distanciamento social através do Youtube. *In: ANAIS DO ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM*. V.4, 2020, p. 38-52. Disponível

em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernd/v4/index.html. Acesso em: 23 de jun. 2021.

SOUZA, C. V. C. **Conhecimento pedagógico-musical, tecnologias e novas abordagens na educação musical**. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 14, p. 99-108, 2006.

SOUZA, L. S. **O uso do software Musibaille no processo de ensino-aprendizagem musical de alunos com deficiência visual: da transcrição à utilização pedagógica**. 2013. 70 f. TCC (Graduação) - Curso de Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <http://www.musibaille.com.br/textos/LeonardoSouza.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SOUZA, Isaac; BROOCK, Angelita; LOPES, Helena. Musicalização on-line para a primeira infância em tempos de pandemia: reflexões sobre práticas e construção. *In: ANAIS DO ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM*. V.4, nov. 2020. Disponível em:

<http://abem-submissoes.com.br/index.php/RegSd2020/sudeste/paper/view/613/422>. Acesso em: 18 de jun. 2021.

SPANHOL, Fernando et al. **O estado da arte da educação a distância: uma meta-análise da contribuição da UFSC**. *In: CIAED CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA*. 2010. Disponível em:

<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010180446.pdf>. Acessado em: 30/07/2021.

STERVINO, Adeline. Confecção de máscara de garrafa Pet para flauta transversal: uma proposta para o retorno às atividades musicais presenciais após a pandemia da COVID-19. *In: ANAIS DO ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM*. V.4, 2020. Disponível

em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/viewFile/450/235>. Acesso em: 16 de jun., 2021.

TRINDADE, Brailena Gottschall Pinto; SILVA, Isabele Ferreira da; CARVALHO, Thaynara Valessa Louzeiro. **TECNOLOGIA DIGITAL NO ENSINO DE MÚSICA: REVISÃO DE LITERATURA**. *In: I Simpósio Internacional e IV Nacional de Tecnologias Digitais na Educação: Jogos e Tecnologias Digitais*, São Luiz - MA, p. 1168-1182, 2019. Disponível em:

https://www.academia.edu/43199334/Tecnologia_Digital_no_Ensino_de_M%C3%BAsica_Revis%C3%A3o_de_Literatura. Acesso em: 21 ago. 2021.

TOKARNIA, Mariana. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 29 Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 01 ago. 2021.

VEBER, A; ROSA, T. B. **Jogos digitais online e ensino de música: propostas para a prática musical em grupo**. Música na Educação Básica. Londrina, v.4, n.4, p. 87-99, 2012.

WESTERMANN, Bruno; PORTUGAL, Diogo; RODRIGUES, Paulo. Ensino de violão e pandemia: relato de experiência de uma ação de Extensão. *In: XV Encontro Regional Nordeste da Associação Brasileira de Educação Musical*, [s. l.], p. 1-14, 20 jul. 2021. Disponível em: <http://abem->

submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/view/481/270. Acesso em: 01 ago. 2021.